

O MONSTRO ESTÁ GRÁVIDO! (IM)POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS *QUEER* PARA PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Charlie Drews Tomaz dos Santos ¹

Allan Moreira Xavier ²

Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda ³

RESUMO

Será possível trabalhar com a perspectiva de uma pedagogia *queer* em aulas de Ciências e de Biologia da educação básica? Procurando responder a esta questão, apresentamos, aqui, parte dos resultados de pesquisa de mestrado em andamento, na qual, como componente central de sua metodologia, se deu a realização da oficina *Estranhando corpos: possibilidades para uma pedagogia queer*, voltada para professores de Ciências e de Biologia da educação básica. Uma das estratégias utilizadas na oficina foi a projeção de trechos do documentário “O homem grávido”, baseado em casos reais de homens transexuais grávidos, com o qual se buscou pelos regimes de verdade dos participantes sobre sexo, gênero e sexualidade. A partir dos dados obtidos, foi verificado que possíveis intervenções *queer* até podem gerar alguma sensibilização para com a diferença, mas com limites, pois os pressupostos da cis-heteronormatividade não se abalam por conta destas. Por mais desejável que seja, então, trazer o *queer* para as aulas de Ciências e de Biologia, a aproximação dele com a educação – no geral - ainda é um espaço de tensões e negociações.

Palavras-chave: Professores de Ciências, *Queer*, Pedagogia *queer*.

INTRODUÇÃO

Até que ponto é possível trazer o *queer* para dentro das aulas de Ciências e de Biologia? Para tentar responder a esta questão – central em nossa pesquisa – é importante considerar previamente dois fatores importantes: O primeiro é que comumente cabe aos professores destas disciplinas a abordagem do componente transversal educação sexual (MIRANDA, 2011), mesmo que os PCN orientem se tratar de um tema interdisciplinar a ser trabalhado em todas as disciplinas (BRASIL, 1999). Já o segundo diz respeito ao fato de haver ainda uma visão tradicional de educação sexual, na qual o currículo geralmente é voltado para questões de anatomia, reprodução e IST (RIBEIRO, 2015), desconsiderando a dimensão cultural e histórica do sexo e da sexualidade. Todavia, Furlani (2011) coloca que, apesar do predomínio de uma “abordagem biológico-higienista” (p.15) para a educação

¹ Mestrando do Curso de Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC - UFABC, charlie.drews@ufabc.edu.br;

² Professor do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC - UFABC, allan.xavier@ufabc.edu.br;

³ Professora do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC - UFABC, meiri.miranda@ufabc.edu.br;

sexual, há também a possibilidade de uma “abordagem *queer*” (p. 34), sendo ela uma forma possível de instauração da diferença no currículo. (CÉSAR, 2012).

Sobre o *queer* especificamente, não é nossa intenção traçar um histórico do mesmo (para isso, ver SPARGO, 2017). Contextualizando, todavia, apontamos que os estudos *queer* surgiram entre os anos 1980 e 1990, sendo que a consolidação da expressão “teoria *queer*” só teria se dado com Teresa de Lauretis, ao proferir uma palestra na Universidade da Califórnia em 1991 (WARNER, 2012). A partir de então, a academia passou a produzir estudos entrecruzando o feminismo, os estudos gays e lésbicos, os estudos culturais norte-americanos e o pós-estruturalismo francês (PINO, 2007), procurando pensar os corpos marginalizados a partir de uma nova perspectiva:

A teoria *queer* pensa os sujeitos e as práticas sexuais que ultrapassam a oposição homossexual/heterossexual, mulher/homem, apontando para a variedade e diversidade das subjetivações e das práticas que não se enquadram no que Judith Butler (2003:48) chama de gêneros inteligíveis” (p. 161).

É o *queer* então, neste sentido, uma tentativa de se pensar os corpos marginalizados, abjetos, monstruosos, que não se encaixam em categorias sistemáticas fechadas, mas que são imprescindíveis para que o “não-monstro” possa se legitimar, pois “o sujeito é constituído através da força de exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito” (BUTLER, 2018, p. 197). Ainda sobre os corpos monstruosos, Cohen (2000) aponta serem eles:

[...] híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção. (p. 30).

Dito isso, estes corpos quebram a matriz de inteligibilidade heterossexual apontada por Butler (2017; 2018). Essa matriz funcionaria através do entendimento sequencial de que há um sexo biológico, do qual deriva tanto o gênero de acordo com o sexo quanto a heterossexualidade:

[...] as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual *a serviço da consolidação do imperativo heterossexual*. (BUTLER, 2018, p. 195, grifo nosso).

O *queer* também adentra o campo da educação, onde há várias referências importantes como Britzman (1996), Louro (2018) e Sedgwick (2007), trazendo reflexões necessárias, tal como a relação entre conhecimento e ignorância para além da lógica binária tradicional do sistema educacional ocidental. Todavia, destacamos em nossa pesquisa a contribuição de César (2012) que, ao se debruçar sobre o tema da chamada pedagogia *queer*, sugere quatro intervenções pedagógicas sensíveis à diferença e à monstruosidade para o currículo.

Cabe, portanto, pensarmos sobre e em que medida, é possível aproximar os professores, as aulas e o currículo da área de Ciências Naturais da abordagem *queer* em educação sexual. Particularmente, em nossa pesquisa, nos focamos na percepção de professores desta área, a partir da metodologia exposta a seguir.

METODOLOGIA

O presente artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de Mestrado em andamento desenvolvida no programa de Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC (UFABC). Optamos por apresentar aqui os resultados referentes a uma das dinâmicas de coleta de dados, sendo que o objetivo geral da nossa pesquisa é analisar as concepções do tripé sexo, gênero e sexualidade de professores de Ciências e de Biologia da educação básica.

Obtivemos os dados através da aplicação da oficina *Estranhando corpos: possibilidades para uma pedagogia queer*, realizada no mês de março de 2019 na Universidade Federal do ABC (UFABC), da qual participaram cinco professores que lecionavam Ciências e/ou Biologia na educação básica. No caso, os professores foram convidados pelos pesquisadores via e-mail, e sua adesão se deu sem coerção de nenhuma natureza, sendo que todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sabendo que os dados produzidos na oficina seriam usados para pesquisa de mestrado aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFABC. Seus nomes reais foram ocultados, sendo que optamos por denominá-los por Geri, Emma, Melanie, Victoria e Elton.

Os resultados aqui apresentados dizem respeito a uma dinâmica realizada na oficina inspirada em uma das intervenções pedagógicas *queer* sugeridas por César (2012), baseadas em narrativas que podem “produzir acontecimentos, no sentido pensado por Gilles Deleuze, instaurando a diferença no currículo ou uma possibilidade para a pedagogia *queer*.” (p. 352). Nesse sentido, a escolha se deu com base em uma das narrativas sugeridas, que seria a do

“homem grávido”, baseada no famoso caso do transexual estadunidense Thomas Beatie que ficou mundialmente famoso após sucessivas aparições em programas de televisão, nos quais demonstrava sua condição de ser um homem gestante.

Inicialmente, os participantes da oficina receberam uma ficha-cartão em branco, na qual deveriam produzir um desenho e/ou escrever pequenas frases ou palavras que relacionassem ao conceito de “gravidez”. Feito isso, assistiram duas partes do documentário “O homem grávido”,⁴ que conta a história da gestação de Thomas Beatie. Após a exibição, poderiam, caso quisessem, refazer seu desenho ou frases no verso de sua respectiva ficha-cartão.

O material coletado foi interpretado pelos pesquisadores utilizando a perspectiva desestabilizadora dos estudos *queer* aliada à análise do discurso foucaultiana, que se encaixa no que Paraíso (2012) denomina de metodologias pós-críticas na pesquisa em educação. A partir disso, entende-se a linguagem não sendo uma categoria representativa, e sim construtiva da realidade, o que, em alguma medida, pode se chocar com o entendimento tradicional das Ciências Naturais, que ainda entendem o mundo como mero objeto passivo a ser decifrado pelo cientista/pesquisador (HARAWAY, 1995).

DESENVOLVIMENTO

Não entendemos – e acreditamos não ser também a intenção da autora – que as intervenções pedagógicas *queer* propostas por César (2012) sejam técnicas a ser exatamente aplicadas em sala, mas sim sugestões e/ou exemplos para que os próprios profissionais da educação possam pensar suas intervenções. Dito isso, em nossa oficina *Estranhando corpos: possibilidades para uma pedagogia queer*, adotamos a sugestão nº 1, que é a do “homem grávido”, com base na história de Thomas Baetie, homem transexual gestante, adaptando a sugestão para nossa dinâmica das fichas-cartão.

César (2012) considera que as quatro personagens de suas sugestões – que incluem Thomas Beatie e a personagem Agrado do filme *Tudo sobre minha mãe* – podem ser lidas como “terroristas de gênero”, por justamente quebrarem a sequência da matriz de inteligibilidade cis-heteronormativa:

⁴ THE PREGNANT Man. . Produção de Elizabeth Mcdonald. Reino Unido/EUA: September Films, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NrKrYZmaZbU> . Acesso em: 22 fev. 2019. Legendado. Port.

Agrado se define como uma “terrorista do gênero”. Mas todas as quatro personagens intervenções o são, pois subvertem a ordem binária do gênero, do sexo, do corpo e do desejo, assim como também subvertem a normalizada ordem familiar, a maternidade e a paternidade. Todas estas experiências podem ser tomadas como terroristas da norma. Nesse sentido, ser terrorista possui um sentido libertador e libertário (p. 355).

Entretanto, não podemos cair no erro de entender que as possibilidades de se trabalhar pedagogicamente com os exemplos destes corpos servem a um ideal humanista, de acordo com a teoria crítica em Educação, procurando “incluir-los” ao sistema, pois o próprio “sujeito racional, crítico, consciente, emancipado ou libertado da teoria educacional crítica entrou em crise profunda.” (SILVA, 2000, p. 13). E se o próprio sujeito “não-monstro” está em crise, trazer o monstro para a sala de aula é jogar mais crise ainda para cima do primeiro, vide ser o monstro seu espelho negado.

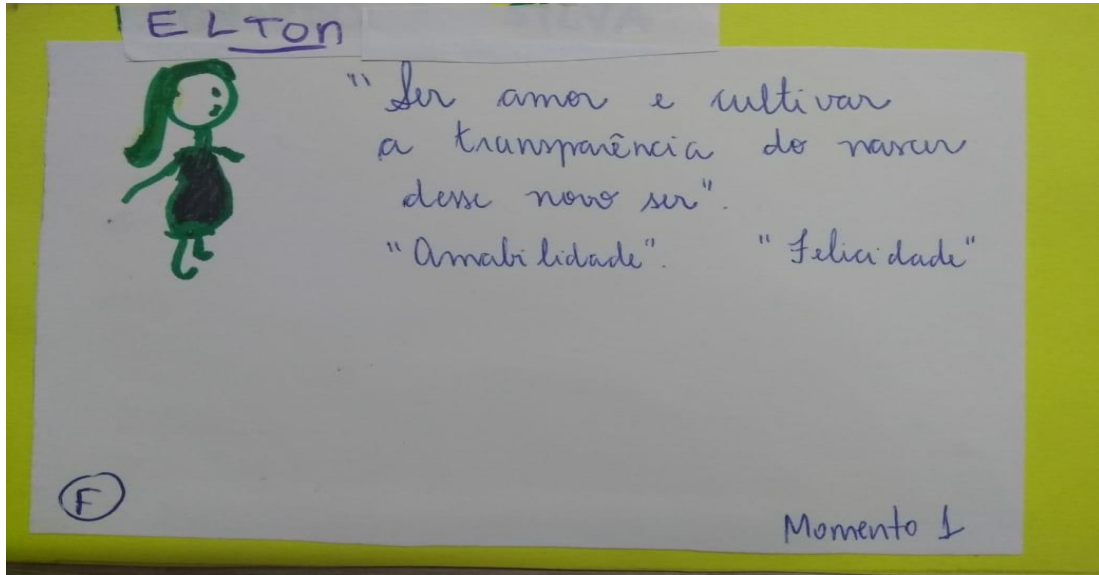
Nos debruçando também sobre as contribuições de Preciado (2017) e Vidarte (2019), podemos perceber as (im)possibilidades da constituição de uma família “monstruosa”, pois, ao tratarmos da intervenção do “homem grávido”, estamos nos referindo a um homem transexual casado monogamicamente, até então, com uma mulher cisgênera, a espera de uma criança para constituição de uma família nuclear.

E neste sentido, embora César (2012) aponte que Thomas Beatie seja um “terrorista de gênero”, Vidarte (2019, p. 131) considera que as “bixas” que se casam estão só reproduzindo o sistema, ao passo que Preciado (2017) relaciona a reprodução tal como é comumente dada aos interesses de reprodução do próprio capital, conclamando assim o fim da família em seu provocativo *Manifesto Contrassexual*. Os resultados obtidos em nossa pesquisa foram analisados com base nestes referências teóricas, nos permitindo visualizar até que ponto a intervenção do “homem grávido” contesta e/ou reafirma os padrões da sociedade cis-heteronormativa (VERGUEIRO, 2015, p. 57).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

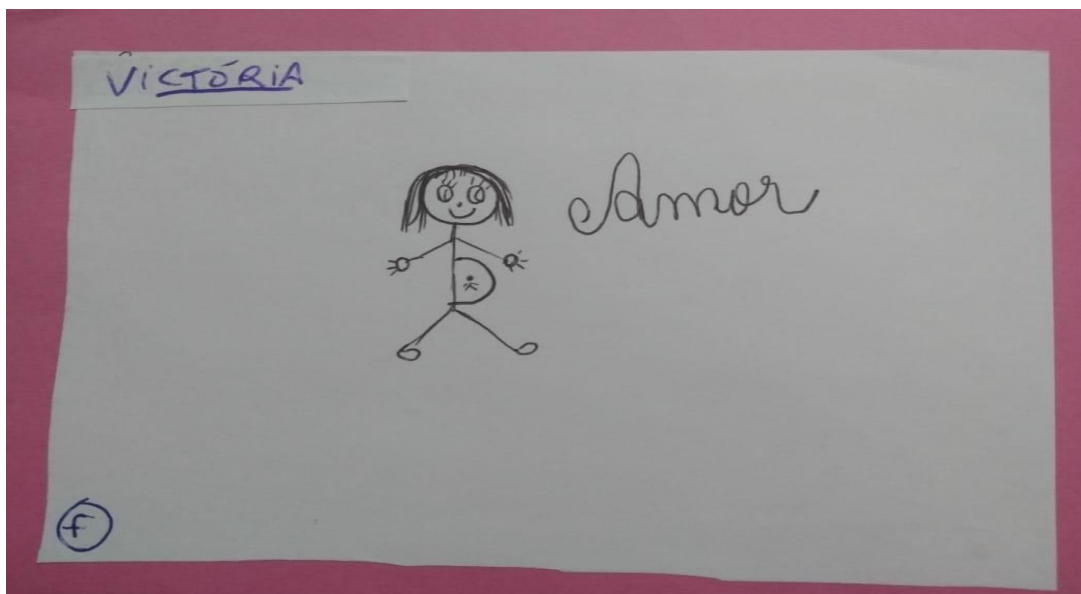
Ao tratarmos da primeira dinâmica da nossa oficina, relacionada às fichas-cartão em que os docentes de Ciências e de Biologia fariam suas representações do conceito “gravidez”, verificamos que todos os participantes, sem exceção, desenharam mulheres cisgêneras grávidas, além de terem ainda escrito frases e palavras que podemos associar a certa “romantização” da maternidade, tais como “amor”, “felicidade” e “força”:

Figura 1: Desenho de Elton



Fonte: pesquisador.

Figura 2: Desenho de Victoria



Fonte: pesquisador.

Após assistirem a trechos do documentário “O homem grávido”, os participantes então puderam, caso quisessem, redesenhar ou rescrever seu conceito de “gravidez” no verso da mesma ficha-cartão. Dois participantes (Victoria e Emma) redesenharam e rescreveram, ao passo que três (Elton, Geri e Melanie) apenas rescreveram. No caso, Emma apontou que:

Muito curioso o fato de um “homem” conseguir engravidar, digo na condição de “homem” (aparência, papel social) em um corpo (sistema genital) de mulher. (Emma, fala durante a ficha-cartão).

Já Geri, que também havia realizado o desenho de uma mulher cisgênera grávida, apontou que Thomas Beatie é um homem corajoso, mas que teria alterado sua identidade original:

O rapaz foi muito corajoso em assumir uma gravidez após ter feito uma opção que alterou toda sua identidade original (feminina), isso se chama “amor”. (Geri, fala durante a ficha-cartão).

Ambas as falas, tanto a de Geri quanto de Emma, demonstram ainda o quanto o discurso cis-heteronormativo é forte. Emma faz questão de frisar com suas aspas que a condição de homem de Thomas Beatie carrega alguma inverdade, visto que do seu ponto de vista, seu sistema genital seria “de mulher”. Não se cogita que um pau possa ser feminino, que uma buceta e um útero possam ser masculinos, pois tal configuração monstruosa não se coaduna aos parâmetros dos gêneros inteligíveis (BUTLER, 2017).

Com outras palavras, o entendimento de Geri é o mesmo que de Emma, ao apontar que a condição masculina de Thomas não é original, cabendo tal adjetivação somente a sua designação feminina anterior à transição. Considerar que há um gênero “original” é desconsiderar, conforme já apontado por Butler (2017), que não existem gêneros originais, ou, se tratando do sexo, que ele:

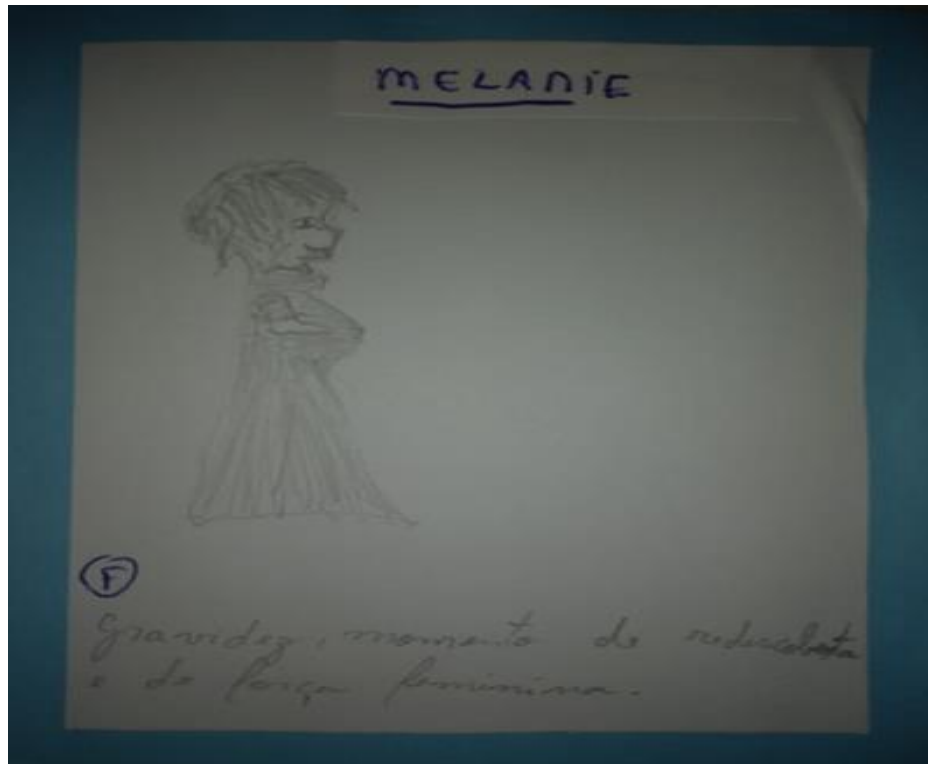
[...] é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. (BUTLER, 2018, p. 194-195).

Já a ficha-cartão de Melanie aponta para variantes consideráveis, sendo duas as principais: a valorização heteronormativa da família de Thomas Beatie e a filiação a um tipo de feminismo que Kunzru (2000) denomina de “feminismo da deusa”. Diz Melanie no verso de sua ficha-cartão, produzido após exibição de trechos do documentário:

Muito interessante o vídeo. Nos mostra o real sentido de família: unida, amorosa e parceria (...) Mas mantenho meu desenho e frase, pois acredito que gerar vida vem da força feminina e da terra independente do gênero. (Melanie, durante fala da ficha-cartão).



Figura 3: Desenho de Melanie



Fonte: pesquisador

Longe da romantização da família, Preciado (2017) conclama ousadamente o fim da família nuclear reprodutora, considerando que o tipo de reprodução a que tal configuração familiar está associada atende aos imperativos capitalistas de reprodução da sua mão-de-obra (p. 103). Vejamos o que diz o artigo 10 de seu *Manifesto contrassexual*:

A sociedade contrassexual demanda a abolição da família nuclear como célula de produção, de reprodução e de consumo. A prática da sexualidade em casais (isto é, em discretos agrupamentos de indivíduos de sexo diferente) está condicionada pelas finalidades reprodutivas e econômicas do sistema heterocentrado. (Ibid, p. 41).

Nesse sentido, em partes, a família de Thomas e Nancy (sua esposa) pode ser interpretada como dentro da configuração familiar reprodutora denunciada anteriormente, até mesmo por se tratar de um casal heterossexual. Todavia, mesmo se se tratasse de um casal homossexual, não estaria fora do sistema desta família nuclear, pois conforme afirma Vidarte



(2019), “aqueles que pensam que as bixas casadas estão inventando novas formas de convivência são uns trouxas, elas reproduzem o sistema e ponto”. (p. 131).

Atentemos, porém, para o fato de que a “monstruosidade” de Beatie pode ser só parcialmente abafada pelo casamento e pela configuração familiar, mas nunca totalmente. Lembremos que Emma, Geri e Melanie fazem questão de frisar que sua masculinidade/virilidade não é “original” e que seus órgãos genitais e reprodutores são femininos, portanto, se ele engravidou e deu à luz, é pelo “fato” de ser “originalmente” uma mulher. Melanie, inclusive, associa a gestação com a “terra”, de forma muito semelhantemente ao que Butler (2017) denuncia como sendo a dialética existencial da misoginia:

As antropólogas Marilyn Strathern e Carol MacCormack argumentam que o discurso natureza/cultura normalmente concebe que a natureza é “feminina” e precisa ser subordinada pela cultura, invariavelmente concebida como masculina, ativa e abstrata. Como na dialética existencial da misoginia, trata-se de mais um exemplo em que a razão e a mente são associados com a masculinidade e a ação, ao passo que o corpo e a natureza são considerados como a facticidade muda do feminino, à espera de significação a partir de um sujeito masculino oposto. (p. 74, 75).

Haraway (2000) se contrapõe a essa dialética existencial da misoginia argumentando preferir ser um ciborgue a ser uma deusa, ao que Kunzru (2000) complementa ser essa postura de Haraway o oposto do “feminismo da deusa”, “que prega que as mulheres poderão encontrar a liberdade apenas na medida em que se desprenderem do mundo moderno e descobrirem sua suposta conexão espiritual com a Mãe Terra.” (p. 22). Melanie, portanto, mais uma vez demonstra o lugar de confusão de fronteiras que o corpo de Thomas Beatie ocupa, pois vive ele a ambiguidade de ser “naturalmente” uma deusa “Mãe-Terra”, ao mesmo tempo que é um monstro/ciborgue a confundir os binarismos tradicionais tão caros ao pensamento ocidental, neste caso, principalmente, o binário natureza/feminino e cultura/masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas problemáticas levantadas pelos participantes da pesquisa nos fizeram perceber que a intervenção sugerida por César (2012) possui viabilidade, mas com limitações. Longe de querermos deslegitimar suas sugestões de intervenções pedagógicas *queer*, o que é necessário repensar são os limites da própria aproximação da educação com o *queer*, pois

conforme apontado já por Ranniery (2017), há ainda forte predomínio da teoria crítica nos currículos, sendo que a aproximação da perspectiva *queer* – que é pós-crítica - exige adaptações e negociações, que, em alguma medida, podem até descaracterizar alguns fundamentos do *queer*. Procurar uma intervenção pedagógica *queer* pode lançar o estranhamento em alguma medida no currículo, mas há de se considerar que o *próprio* espaço escolar, que é o da normalidade e do ajustamento (LOURO, 2018), pode “engolir” o monstro e regurgitá-lo dentro da norma, tal como ocorreu parcialmente na nossa dinâmica do “homem grávido”.

Cabe, então, aos próprios professores de Ciências (e, por que não, de outras disciplinas escolares também) o desafio de insistirem “em não pelo reforço do modelo, mas pela criação de novos espaços de viver” (XAVIER, 2019, p. 436), com a consciência de não ser um desafio fácil, pois procurar aproximar o *queer* da educação é andar na fronteira entre a normalização e a anormalidade, e, lembremos que estar na fronteira é ser monstro. Eis a nossa possibilidade!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual. Ministério da Educação, Brasília, 1999.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*. 21(1):71-96 jan./jun.1996.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia *queer*. *ETD: Educação Temática Digital*, v. 14, p. 351-362, 2012.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. São Paulo: Autêntica, 2007.

FURLANI, Jimena. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, Campinas, n.5, p. 07-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue - Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In TADEU, Tomaz (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”. Um encontro com Donna Haraway. In TADEU, Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MIRANDA, M. A. G. de C.. A abordagem da sexualidade no Currículo de São Paulo. In: *Atas do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências/ I congresso Iberoamericano de Investigación en Enseñanza de las Ciencias*. Rio de Janeiro: Abrapec - Adaltech. v. 1. p. 1-12, 2011.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In MEYER, Dagmar Estermann; Paraíso, Marlucy Alvez (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PINO, Nádia Perez. A teoria *queer* e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos pagu*, v. 28, p. 149-174, jan/jun 2007.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1, 2017.

RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), n. 25, p. 19-48, 2017.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. A sexualidade e o discurso biológico. In: Paula Regina Costa Ribeiro; Raquel Pereira Quadrado. (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar - Caderno pedagógico: Anos Finais*. 2ed. Rio Grande: FURG, 2008, v. , p. 35-38.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, p. 19-54 janeiro-junho, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. São Paulo: Autêntica, 2007.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. São Paulo: Autêntica, 2017.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIDARTE, Paco. *Teoria Bixa*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WARNER, Michael. *Queer and then? The end of queer theory? The Chronicle of Higher Education*, 58(18), p. 1-5, 2012.

XAVIER, ALLAN MOREIRA. BERRO! Uma educação transviada em química. *Linhas Críticas* (UNB). v. 25, p. 420-439, issn: 1516-4896, 2019.